

# Mais um enviado da ONU fracassado tenta enfrentar o longo conflito de décadas no Saara Ocidental



O enviado especial da ONU para a Síria, Staffan de Mistura, dá uma entrevista coletiva após uma reunião sobre a formação de um comitê constitucional na Síria, em 18 de dezembro de 2018, nos escritórios das Nações Unidas em Genebra [Fabrice Coffrini/AFP via Getty Images]

## Mustafa Fetouri

27 de janeiro de 2022 às 15:30

Já exausto nos esforços de mediação sírios, Staffan de Mistura acaba de ser nomeado, pelo secretário-geral das Nações Unidas, como seu enviado para a longa disputa de décadas do Saara Ocidental. O Sr. de Mistura serviu, mais ou menos no mesmo cargo, no Afeganistão, Iraque e Líbano. Ele está na ONU há décadas, mas seu histórico é bastante sombrio. Sua última missão como enviado da ONU foi na Síria, onde passou quatro anos antes de deixar o cargo em 2018. Durante esses anos, ele fez

pouco progresso para resolver o conflito sírio. Na verdade, não há nenhuma conquista notável pela qual o Sr. de Mistura possa ser lembrado, mesmo antes de seu mandato na Síria.

Tal falha pode ser justificada pelo fato de que o Conselho de Segurança da ONU, o último tomador de decisões na organização, cujos poderes de veto estão prontos para matar qualquer coisa que qualquer um deles não goste, foi dividido sobre a Síria. Com efeito, o Conselho nunca conseguiu chegar a acordo sobre nada de substancial para resolver o conflito sírio, especialmente depois que a Rússia, um poder de veto, se tornou parte no conflito, lançando seus primeiros ataques aéreos em setembro de 2015, visando o que chamou de posições “terroristas”. Desde então, Moscou tem sido um aliado confiável de Damasco.

A declaração da ONU, anunciando a nomeação de Mistura, elogiou seu antigo trabalho para o órgão mundial, destacando seus “40 anos de experiência em diplomacia e assuntos políticos”, sem mencionar nenhum de seus fracassos anteriores. A ONU, normalmente, deixa de lado o fracasso de seus enviados como forma de encorajá-los! Apenas, como de costume, também não os dispara quando falham!

### **LEIA: Para onde vão os países do Magreb?**

O homem veio com todo o seu fracasso agravado seguindo-o em uma longa trilha de Genebra até Moscou e Astana – locais onde liderou, facilitou e patrocinou dezenas de reuniões sobre o conflito sírio, sem sucesso.

Em seu novo cargo, de Mistura deve liderar a Missão da ONU para o Referendo no Saara Ocidental (Minurso), estabelecida pela resolução 690 da ONU, adotada pelo Conselho de Segurança em 1991.

O objetivo final é encontrar uma solução para o conflito sobre a faixa desértica ao sul do Marrocos, ao longo do

Oceano Atlântico. O conflito é essencialmente sobre soberania e poder – quem governa aquele deserto difícil. Enquanto o Marrocos reivindica a área como parte de seu território, a Frente Popular para la Liberación de Saguia el-Hamra y de Río de Oro (Polisário), ajudada pela Argélia, contesta essa reivindicação. Desde sua eclosão em 1975, o conflito passou por diferentes fases marcadas pela violência e pela guerra entre, principalmente, Marrocos e Polisário e seu aliado argelino.

No entanto, em 1991, a Minurso fez um avanço depois que as partes concordaram com um referendo perguntando aos habitantes da área se eles queriam ser um estado independente ou fazer parte de Marrocos com autonomia mais ampla. As grandes operações militares quase deixaram de abrir as portas para negociações políticas sobre os detalhes do referendo e quem tem o direito de participar. Mas recentemente, há sinais de que o confronto militar está ao virar da esquina.

Seja qual for o plano do Sr. de Mistura, se ele tiver um, ele ainda não o expôs. No início deste mês, ele percorreu a região, começando em Rabat e terminando na Argélia. Ele também visitou a Mauritânia, na fronteira com o Saara Ocidental, e Tindouf na Argélia, lar de milhares de refugiados saarauís.

Na Argélia, o ministro das Relações Exteriores do país disse a ele que a Argélia quer abrir negociações diretas entre as partes, de boa fé e sem pré-condições. Isso é um pouco menos do que qualquer enviado da ONU gostaria de ouvir. Idealmente para o Sr. de Mistura, se as partes concordassem em diminuir suas diferenças avançando para os detalhes do prometido referendo em que pouco mais de meio milhão de pessoas que vivem na área decidem o que querem – a própria essência da resolução 690. Mas o referendo, como forma de resolver o conflito, tornou-se um negócio difícil e seus detalhes têm sido um debate contencioso. No passado, as principais potências,

incluindo os Estados Unidos, a França e outros, apoiavam qualquer plano acordado pela ONU, mantendo-se amplamente neutros. Mas isso mudou recentemente, tornando o trabalho de Mistura um pouco mais difícil.

Apenas algumas semanas antes de deixar a Casa Branca, o ex-presidente Donald Trump, em 10 de dezembro de 2020, tomou a decisão incomum de reconhecer a soberania de Marrocos sobre o Saara Ocidental para incentivar a normalização das relações de Rabat com Israel. O Sr. Trump é um forte defensor de Israel. Isso acabou com a longa neutralidade americana no conflito. Isso também significa que, sempre que a questão voltar ao Conselho de Segurança – inclusive se o Sr. de Mistura, magicamente, fizer um progresso sério – os EUA não são mais neutros e seu veto pode inviabilizar tudo.

### **LEIA: ‘Marrocos tem armamento avançado, então a Argélia quer um sistema de defesa chinês’**

A presença do fator israelense também impactou as difíceis relações bilaterais entre Rabat e Argel. A Argélia está muito chateada com a reaproximação marroquina-israelense, culpando-a parcialmente por sua decisão, no ano passado, de romper todos os laços com seu vizinho, Marrocos. A Argélia também está nervosa com o fato de Marrocos, seu rival regional, estar fazendo acordos de hardware militar com os israelenses. Diz-se que Rabat está conversando com Tel Aviv sobre a compra de mísseis e outros sistemas de defesa aérea, incluindo drones militares. A Argélia, já desconfiada do fator israelense na região, vê a questão pelos olhos dos palestinos, que rejeitam qualquer forma de normalização árabe-israelense enquanto Israel ainda ocupa suas terras, demoliu casas e as submeteu às leis do apartheid.

Os laços marroquinos-israelenses também podem levar a Argélia a buscar laços mais fortes com o Irã, que também não está feliz com a presença israelense no norte da

África. Isso adiciona mais complicações à missão de Mistura.

Nesse contexto, é duvidoso que Steffan de Mistura possa realmente apresentar resultados tangíveis em termos de acabar com o conflito na região. O presidente argelino e seu governo hesitarão muito em entrar em qualquer conversa ou compromisso com Marrocos. Os argelinos são predominantemente pró-palestinos e não gostariam de ver seu governo conversando com o Marrocos, enquanto Rabat mantiver sua conexão israelense.

Na verdade, de Mistura está prestes a adicionar outro fiasco ao seu longo histórico de fracassos.

*As opiniões expressas neste artigo são de responsabilidade do autor e não refletem necessariamente a política editorial do Middle East Monitor.*

Categorias    África    Argélia    Artigo

Ásia & Américas    Estados Unidos    Europa & Rússia

Israel    Marrocos    ONU    Opinião

Organizações Internacionais    Oriente Médio    Rússia

Síria